

AS ENTREVISTAS E A HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: DA PRODUÇÃO DE FONTES ÀS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

Heloisa da Silva
Unesp – Rio Claro
heloisas@rc.unesp.br

Vinicius Sanches Tizzo
Unesp – Rio Claro
viniciustizzo@gmail.com

Ana Claudia Molina Zaqueu-Xavier
Unesp – Rio Claro
anaclaudiam.zaqueu@gmail.com

Marinéia dos Santos Silva
Unesp – Rio Claro
marineia.ss@hotmail.com

Resumo:

Apresentar o trabalho com entrevistas, especificamente os procedimentos teórico-metodológicos mobilizados pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem), é o objetivo principal deste minicurso. Pretendemos tecer considerações a respeito dos procedimentos utilizados na História Oral (HO) para a constituição de narrativas. Mediante tal contexto, durante o minicurso, será apresentado um breve histórico de apropriação da HO pelo grupo, as modalidades de HO, a construção do documento histórico e como os integrantes do Ghoem têm compreendido esse tipo de documento. Em síntese, o minicurso será desenvolvido em três momentos: 1) Apresentação dos tipos de entrevistas e modalidades da História Oral; 2) A entrevista: fonte e construção do documento histórico; 3) Prática: produção de textualizações e discussão sobre as possibilidades de análise.

Palavras-chave: Entrevistas; História Oral; Narrativas.

1. Introdução

Ao propormos um minicurso, pretendemos delinear os procedimentos de pesquisa que envolve o trabalho com entrevistas, apresentando, especificamente, as práticas que permeiam o Grupo História Oral e Educação Matemática – Ghoem¹, que se apropria da HO enquanto método de pesquisa qualitativo. Diante desse contexto, alguns questionamentos poderão surgir: qualquer entrevista pode ser mobilizada pela HO? Quais são as contribuições da HO? Quais são as críticas que permeiam o uso da HO? Como analisar o discurso dos

¹ <http://www2.fc.unesp.br/ghoem/>

sujeitos colaboradores sem que se faça juízo de valores? Neste minicurso, nosso objetivo será problematizar, junto aos cursistas, por meio de aspectos teóricos e práticos, essas questões.

Entendemos que nem todos os trabalhos que mobilizam as entrevistas são entendidos como sendo um trabalho em HO, isto porque, para se realizar um trabalho dessa natureza, inferimos que essa metodologia “é um complexo em que dialogam procedimentos e fundamentações/teorizações, cada investigação implica argumentações próprias sobre como, quando e por que agir sob certos condicionantes” (GARNICA, FERNANDES e SILVA, 2011, p. 232-233). Ao trabalhar com a HO, os depoimentos são gravados com equipamentos digitais (imagem e/ou som) e, ao final da pesquisa, os mesmos são arquivados, podendo se constituir como fontes passíveis de outras versões e análises.

A HO surge aos excluídos e marginalizados, contrapondo as ideias da história clássica, que comumente se constituía pautada exclusivamente em documentos oficiais escritos, não permitindo que subjetividades fossem apresentadas. As fontes orais começaram a ser mobilizadas nas últimas décadas, em trabalhos de outras naturezas, em áreas distintas da Ciência. Segundo Garnica (2005), as fontes orais e escritas não são tidas como opostas e sim como possibilidades complementares àquela concepção de História pautada somente em fontes primárias. Para o autor, pesquisadores tecem considerações sobre a utilização de várias fontes para a compreensão do mundo: “Negar os arquivos escritos como recurso de pesquisa seria um equívoco tão alarmante quanto negar a importância da oralidade para entender a temporalidade e, nessa temporalidade, as circunstâncias humanas” (GARNICA, 2005, p. 111). Deste modo, na Educação Matemática, sobretudo nos trabalhos desenvolvidos por pesquisadores do Ghoem, temos compreendido que a HO tem o potencial de se aliar a outras fontes e, assim, ampliar as possibilidades de compreensão sobre o fenômeno estudado.

As principais críticas sofridas pela HO se referem à possibilidade de “distorção da memória”, isto é, a memória pode ser influenciada por versões coletivas e, por essa razão alguns críticos consideram que os materiais produzidos a partir dos pressupostos da HO, não são confiáveis de serem tomados como fonte por conta das subjetividades encontradas nas narrativas. Entretanto, os pesquisadores argumentam que as fontes escritas não são menos seletivas ou tendenciosas. De acordo com Jacques Le Goff (1994), a memória deve ser considerada uma construção psíquica e intelectual que

conduz a uma representação seletiva do passado, que nunca se define caracterizada somente pelo indivíduo de modo isolado, mas de um sujeito inserido em um contexto de família, sociedade e de nacionalidade.

Diante deste contexto, a seguir, passamos à apresentar, ainda que sinteticamente, os procedimentos metodológicos ou etapas do protocolo de pesquisa que mobilizam a HO enquanto metodologia de pesquisa, sobretudo em relação aos procedimentos assumidos pelos pesquisadores que aderem à HO para o desenvolvimento de estudos na Educação Matemática.

2. Modalidades da História Oral, entrevistas, procedimentos e possibilidades de análise

Martins-Salandim (2007), chama atenção para as três possibilidades de constituição da HO: “i) narrativa da história de uma única vida; ii) coletânea de narrativas; e iii) análise cruzada (evidência oral tratada como fonte de informação a partir da qual se organiza um texto expositivo)” (p. 22-23). A autora também faz um levantamento sobre as possibilidades de abordar temas nas pesquisas que mobilizam os pressupostos da HO como metodologia. Além disso, Martins-Salandim (2007) aponta para a existência de três abordagens distintas, porém, próximas: a primeira seria a História de Vida, na qual o depoente sintetiza suas vivências; a segunda se refere à História Oral Temática, abordagem na qual o depoente também revela suas experiências de vida, contudo, o faz a partir de certa temática, normalmente determinada pelo pesquisador. A terceira abordagem, a Tradição Oral, pode ser compreendida como uma possibilidade de trabalhar um conjunto de testemunhos transmitidos oralmente de geração em geração, em uma determinada comunidade. “Entretanto, na concepção que defendemos no Ghoem sobre História Oral, esta última não pode ser encarada como metodologia de pesquisa, não sendo, então, uma modalidade da metodologia em História Oral” (MORAIS e GUTIERRE, 2011, p. 2).

Na obra organizada por Ferreira e Amado (2006), são apresentados trabalhos que discutem o *status* da HO. Essa coletânea reduz, para três, as principais abordagens a respeito desse *status*. A primeira refere-se à interpretação da HO como uma *técnica*, ou seja, aos adeptos dessa modalidade, interessam as experiências com as gravações, transcrições e conservação das entrevistas e todo o aparato que envolve essa gravação. A HO como técnica, não passaria de um conjunto de procedimentos técnicos para a utilização do gravador. A segunda postura seria compreender a HO como uma *disciplina*, considerando que a mobilização dela “inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos

singulares e um conjunto próprio de conceitos” (FERREIRA e AMADO, 2006, p. xii). Como uma terceira maneira de apreensão relativa à História Oral, temos a concepção de pesquisadores que a defendem como metodologia, por instituir e ordenar procedimentos de pesquisa: “a história oral é capaz apenas de *suscitar*, jamais de *solucionar*, questões; formula as perguntas, porém não oferece as respostas.” (Ibid., p. xvi).

No mesmo trabalho, Ferreira e Amado trazem compreensões sobre a composição da expressão História Oral e para eles,

A denominação “história oral” é ambígua, pois adjetiva a história, e não as fontes – estas, sim, orais. A designação foi criada em uma época em que as incipientes pesquisas históricas com fontes orais eram alvo de críticas ácidas do mundo acadêmico, que se recusava a considerá-las objetos dignos de atenção e, principalmente, a conceder-lhes *status* institucional. No embate que se seguiu, pela demarcação e aceitação do novo campo de estudos, o adjetivo ‘oral’, colado ao substantivo ‘história’, foi sendo divulgado e reforçado pelos próprios praticantes da nova metodologia, desejosos de realçar-lhe a singularidade, diferenciando-a das outras metodologias em uso, ao mesmo tempo que lhe afirmavam o caráter histórico (FERREIRA e AMADO, 2006, p. xii).

O procedimento base no trabalho com a HO é a entrevista. Compreendemos o momento da entrevista como uma ocasião de interação e essa característica, segundo Lüdke e André (1986), se configura como um diferencial em relação a outros instrumentos de pesquisa como, por exemplo, a observação unidirecional ou aplicação de questionários que, comumente, estabelecem certa hierarquia entre pesquisador e pesquisado. Entretanto, como as entrevistas se apresentam, desde muito tempo, como um instrumento em potencial no desenvolvimento de pesquisas qualitativas, impõe-se a necessidade de estabelecermos e apresentarmos algumas características que as diferenciam de uma técnica assumida pela HO, pois, nessa modalidade, a entrevista assume fundamentos historiográficos, isso porque, se assenta em um procedimento cuidadoso na constituição de fontes históricas. Sua condução pode suscitar outros elementos que poderão contribuir com o estudo, tais como: documentos escritos e fotografias, cujo acesso, poderia ser mais difícil ou até mesmo impossível.

Deste modo, para que o relato oral seja transposto do suporte midiático para o papel, local em que proporciona maior conforto, acessibilidade e facilidade ao pesquisador, ele deve passar por duas etapas: a transcrição e a textualização. A textualização, como dito, é uma das etapas do protocolo adotado em pesquisas em HO, sendo posterior ao processo de transcrição, que se configura na escrita dos dizeres,

pausas, entonações e vícios de linguagem, aproximando-se, ao máximo, do que foi registrado oralmente. Já a textualização, propriamente dita, se refere ao processo de transformar o discurso em uma narrativa mais corrente, ou seja, com ou sem o estilo pergunta-resposta, marcando um movimento de apropriação da fala do entrevistado pelo pesquisador.

É de sensível cuidado ressaltar a importância de um trabalho conjunto entre as partes envolvidas nesse processo de textualização. Nessa etapa, deve-se estabelecer uma negociação entre o pesquisador e o colaborador de modo que o depoente tenha ciência de que o texto final possui marcas, tanto dele, quanto do pesquisador. Nesta etapa, podem ocorrer correções, inserções e reformulações, no sentido de buscar aproximar a fala do entrevistado e a interpretação do entrevistador, para que o colaborador possa se reconhecer naquela narrativa produzida. Nessa direção, segundo o trabalho de alguns sociólogos, a concordância com a versão final da textualização, se garante pela construção de uma relação de confiança e harmonia entre pesquisador e entrevistado.

Outro cuidado que permeiam os estudos que optam pela HO como metodologia de pesquisa, se refere às questões éticas envolvidas, pois garantem o acesso público como característica de um documento histórico. Deste modo, depois de ocorrer as negociações referenciadas anteriormente, temos a versão final a ser disponibilizada. Entretanto, com vistas à legitimação do texto constituído, comumente nos trabalhos do Ghoem, antes da publicação da entrevista, o registro da concordância com o texto, por parte do colaborador, é radicado por meio da assinatura de uma carta de cessão de direitos.

Desta forma, são constituídas narrativas a partir de situações de entrevistas e, segundo Alberti (2004), esse exercício seria um dos principais alicerces da HO. Para essa autora, “um acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado. Isto significa que ele se constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista” (p. 77).

Após a conclusão dessas etapas, o pesquisador passa para uma etapa do estudo em que ele busca modos de elaborar uma compreensão sobre essa narrativa produzida e, nesse sentido, muitos são os aspectos que devem ser considerados, sendo, portanto, múltiplos movimentos analíticos. Neste minicurso, ambicionamos apresentar duas, entre outras possibilidades de análise, a saber: a *análise narrativa de narrativas* e a *análise paradigmática*. Vale ressaltar que, no Ghoem, não desenvolvemos análises estritamente paradigmáticas ou narrativas e sim promovemos uma articulação entre essas duas vertentes propostas por Bolívar; Domingo; Fernández (2001).

Ambas as formas citadas são respaldadas no pensamento de Jerome Bruner, psicólogo estadunidense que defendia a tese de que o pensamento humano era determinado por duas formas distintas: narrativa e paradigmática. Recentemente, Bruner (2014), passa a defender que o pensamento, não necessariamente, é organizado de um modo ou de outro, mas que essas formas são complementares. Sobre isso, o autor afirma que “decerto podemos conviver com as duas coisas: o austero, mas bem definido, mundo do paradigmático, e o sombriamente desafiador mundo do narrativo” (p. 112).

Diante do princípio de que nós construímos nossa realidade e nos constituímos a partir de nosso pensamento que ora se dá narrativamente, ora de forma pragmática e ora ainda pela combinação dessas possibilidades, Bolívar; Domingo; Fernández (2001) definiram os modelos de *análise narrativa paradigmática* e de *análise narrativa de narrativas* que não são dicotômicos, pelo contrário, podem ser mobilizadas conjuntamente caso o pesquisador julgue relevante para o desenvolvimento do trabalho. Em linhas gerais, a *análise narrativa paradigmática* busca tecer considerações que sejam comuns ou singulares nas narrativas analisadas, ou seja, é natural o uso de categorias ou temas que emergem (ou não) das narrativas analisadas. Nesse contexto, Bolívar (2002) afirma que essa modalidade de análise pode ser aplicada tanto em pesquisas de cunho quantitativo quanto qualitativo. Quando mobilizada em pesquisas quantitativas, as categorias são dadas *a priori* enquanto que, em trabalhos qualitativos, isso ocorre *a posteriori*.

Já a *análise narrativa de narrativas*, consiste em um movimento em que o pesquisador interpreta as narrativas produzidas e agrega a elas, narrativamente, informações e estudos já realizados. Esse processo deve “sintetizar um agregado de dados em um conjunto coerente, em lugar de separá-lo por categorias. Os relatos obtidos devem resultar em uma trama argumental que determina quais elementos devem ser incluídos, com que ordem e com que fim” (RABELO, 2011, p. 181). Assim, em meio a esse movimento, o pesquisador cria uma nova narrativa na qual ficam impressas suas marcas, percepções e interpretações acerca do que foi investigado.

3. Sistematizando a Dinâmica do Minicurso

A HO na Educação Matemática será apresentada, em suas especificidades, como uma “possibilidade de ampliação” de informações, e de perspectivas para as pesquisas na área. Para tanto, propomos três momentos distintos, sendo o primeiro de ordem teórica, o segundo e o terceiro de caráter prático.

No primeiro momento, serão realizadas as apresentações dos proponentes do minicurso, dos cursistas, seguido pela apresentação das práticas de pesquisa do Ghoem. Em seguida, serão apresentados os procedimentos metodológicos, bem como os pressupostos teóricos da História Oral enquanto método qualitativo de pesquisa (metodologia em trajetória). Para finalizar a primeira etapa do minicurso, teceremos considerações sobre algumas possibilidades de tratamento das fontes orais e escritas.

O segundo momento será realizado um exercício prático, em grupos, a partir de trechos de transcrições que disponibilizaremos, para que os participantes possam trabalhar com o processo de textualização. Nessa ocasião os participantes poderão levantar questões, dúvidas e encaminhamentos possíveis na condução de pesquisas que utilizem a História Oral.

Finalmente, no terceiro momento, por meio de uma plenária, os participantes terão a oportunidade de discutir sobre as possibilidades de análise e enfatizar a possibilidade de outras abordagens que não aquelas apresentadas pelos proponentes do minicurso.

4. Algumas Considerações

Com essa proposta de minicurso, pretendemos proporcionar um espaço formativo para os participantes que possuem um objetivo em comum: discutir, conhecer e explorar as possibilidades de produção de narrativas, tendo a HO como método de pesquisa. Acreditamos que essa proposta, tem a possibilidade de unir, em um mesmo espaço, pessoas com diferentes pressupostos teóricos e múltiplas vivências que, juntos, em um trabalho no qual a pluralidade e as subjetividades são ressaltadas, possibilitará discussões e reflexões para todos os envolvidos.

5. Referências

ALBERTI, V. **Ouvir Contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004. p.13- 32; 61-90.

BOLÍVAR, A. B.; DOMINGO, J.S e FERNÁNDEZ, M. C. **La investigación biográfico-narrativa en educación**. Madrid: La Muralla, 2001.

BOLIVAR, A.. “¿ De nobis ipsis silemus?” : Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, n.1, p. 41-62, 2002.

BRUNER, J.. **Fabricando Histórias**: direito, literatura, vida. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GARNICA, A. V. M. **Um tema, dois ensaios: método, História oral, concepções, Educação Matemática**. Bauru, 2005. 205f. Tese (Livre-Docência) – Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências, Unesp, Bauru, 2005.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **BOLEMA** (Rio Claro), v.25, n. 41, p. 213-250, 2011.

LE GOFF, Jacques. “Memória”.In: História e Memória. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 423-483.

LÜDKE M. ; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas Agrícolas e Educação Matemática: histórias, práticas e marginalidade**. 2007. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

MORAIS, M. B.; GUTIERRE, L. S. História, Oralidade e Narrativas: possibilidades de pesquisa em Educação Matemática. In: Encontro Regional de Educação Matemática, 3., 2011, Mossoró. **Anais...** Mossoró, 2011.

RABELO, A. O. A Importância da Investigação Narrativa na Educação. **Revista Educação e Sociedade**, n. 114, p. 171-188, 2011.